# Fé na Festa\* - 05/01/2019

Gostaríamos de mostrar como Byung-Chul Han valoriza a festa em prol do  
trabalho, em um caminho contrário ao que pesa hoje no senso comum \*\*. Não é o  
aperfeiçoamento técnico, mas a celebração que nos trará uma vida que valha a  
pena ser vivida.  
  
\*\*Festa.\*\* Han constata que não vivemos em um tempo de festividade. Segundo  
ele, uma celebração festiva é desprovida de tempo, é onde \_demoramos\_. Citando  
Gadamer, ele compara a festa com o belo, pela temporalidade: o tempo da arte é  
a eternidade, o tempo não passa. E a relaciona com o divino: os deuses se  
alegram quando os homens brincam e jogam e lhes devotam rituais. Se hoje não  
há festa é porque estamos longe do divino. E mais, deveríamos copiar os  
deuses, pois eles não se importam em produzir. Mas o tempo do trabalho hoje  
roubou todo o tempo da festa e se tornou totalitário: “A própria pausa se  
conserva implícita no tempo de trabalho. Ela serve apenas para nos recuperar  
do trabalho, para poder continuar funcionando.” (p. 113). A vida perde  
intensidade pairando entre tédio e ocupação. As festas de hoje são eventos:  
eventuais, acontecem, apenas.  
  
\*\*Crise de Liberdade.\*\* Han então trata da autoexploração que se dá na  
sociedade de desempenho: não somos explorados pelo outro, nós somos senhor e  
escravo de nós mesmos nos aproximando do sentimento de liberdade. De posse do  
smartfone e dos laptops trabalhamos continuamente de qualquer lugar  
acreditando que o trabalho nos realizará. Porém, tal liberdade acaba se  
transformando em coação porque nos leva a nos explorarmos sem limites e é onde  
surgem as enfermidades como a depressão e a síndrome de Burnout, resultados  
dessa crise da liberdade. Mesmo que busquemos o sadio na histeria de saúde  
atual (fitness, botox, etc.), nada mais fazemos que sobreviver. Negando a  
morte em prol da vida nos tornamos zumbis e estamos “por demais mortos para  
viver, e por demais vivos para morrer.” (p. 119).  
  
\*\*Beleza.\*\* Han afirma que o homem que trabalha não é livre. Citando  
Aristóteles, ele nos diz que o homem livre está em busca das coisas belas, da  
realização de belos atos e da contemplação da beleza perene. Citando Arendt,  
ele refere o homem livre ao belo, que é o que não é útil. Mesmo os políticos  
deveriam se aproximar do belo, nesse sentido aristotélico de uma ação livre da  
necessidade e utilidade e buscando um \_bios politikos\_ que promova a justiça e  
a felicidade.  
  
\*\*Uso livre.\*\* Han aborda o “uso livre” de Agamben como uma “profanação” do  
uso dos objetos, chegando ao ponto de ilustrar uma passagem em que crianças  
acharam dinheiro e na brincadeira, as notas foram rasgadas. A profanação do  
uso do dinheiro é a profanação do ídolo, transformando-o em brinquedo. Segundo  
Han: “há que se profanar o trabalho, a produção, o capital, o tempo de  
trabalho, transformando-os em tempo de jogos e festa.” (p. 123).  
  
\*\*Beleza e festa.\*\* A beleza também se aproxima da festa que é quando nos  
preparamos para ficarmos bonitos e belos. As próprias obras de arte retratam  
momentos felizes que seriam intermináveis, obras que poderiam ser fruídas nas  
ruas e celebrações culturais, porém hoje as obras estão trancafiadas em bancos  
e museus perdendo o valor de arte e culto para o valor comercial. As obras que  
retratam a intensidade da vida se perdem. As coisas só têm valor quando  
expostas, assim como nós que nos expomos nas redes sociais. Nossa produção nas  
redes é pela visibilidade e é quando nos tornamos mercadorias, porém na festa  
não produzimos, mas gastamos. Comercializamos os momentos de nossa vida e o  
valor do ser humano se transforma em valor de mercado.  
  
Han conclui dizendo que o festivo e o divino ficaram obsoletos. Há essa  
produção desenfreada de mercadorias fazendo de nosso mundo um local de  
utilidades e povoado de coisas que não permitem o silêncio, o vazio e a  
contemplação. Já é hora de romper esses laços comerciais e voltarmos para a  
festa.  
  
   
  
\* \* \*  
  
   
  
\* Alusão ao álbum de Gil, sempre muito festeiro.  
  
\*\* Fichamento de “Tempo de celebração \- a festa numa época sem celebração”.  
Em Han, Byung-Chul - \_Sociedade do Cansaço\_. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.